

Prova Escrita de Português
12.º Ano de Escolaridade
Prova 639 / 2.ª Fase / Versão 1 / 2024

GRUPO I

Parte A

1. Ao longo de grande parte do excerto, é notória a descrição feita pelo narrador de um complexo ritual matutino do seu amigo Jacinto. Este apresenta um modo de vida que motiva a admiração do próprio.

Assim, o narrador admira a opulência de Jacinto, evidenciada, por exemplo, nos materiais luxuosos dos utensílios («de tartaruga, marfim, prata, aço e madrepérola» – ll. 4-5) colocados na sua mesa de *toilette*, «toda de cristal» (ll. 3-4), nas «máquinas monumentais da Sala de Banho» (l. 15), como os duches com diferentes saídas de água, no espelho folheado a prata, nos biombos de Quioto de seda bordada.

Admira também o excessivo cuidado com a higiene diária do seu amigo Jacinto, patente, por exemplo, na quantidade e na diversidade de escovas («largas», «estreitas» e «recurvas», «côncavas», «pontiagudas», «rijas», «macias» – ll. 7-9) usadas para pentear o cabelo («De todas, fielmente, como amo que não desdenha nenhum servo, se utilizava o meu Jacinto.» – ll. 10-11), no excesso de tempo dedicado à escovagem do cabelo («catorze minutos» – l. 12) ou na sequência de toalhas de diferentes materiais usadas para limpar as mãos.

Em suma, o luxo e o brio desta vivência diária matutina de Jacinto é notada pelo narrador que, de forma dedicada e admirável, deixa bem aqui evidente.

2. No presente excerto está refletida uma relação ambígua de Jacinto com a sociedade, uma vez que evidencia tanto uma relação positiva como negativa.

De forma positiva, Jacinto assume-se como um homem moderno, ao rodear-se dos inventos proporcionados pela civilização e que inauguram as suas ações matutinas. Porém, esse mesmo ritual matinal quotidiano que se impõe a si, como homem moderno que é, provoca em Jacinto cansaço e saturação (l. 23). Ou seja, os recursos da sociedade que permitem a realização social de Jacinto acabam por toldar a sua própria liberdade, pois sente-se agrilhadoo nesse ritual frenético.

3. I, II e IV

Parte B

4. Ricardo Reis recorre frequentemente a elementos da natureza para dar conta do desenvolvimento do seu pensamento, explicitando, de forma clara, a sua filosofia de vida.

Assim, neste poema em concreto, refere-se às rosas pois representam a beleza e, simultaneamente, são comparáveis, na sua efemeridade, à vida humana (vv. 3-4). O curso diurno do sol representa, em coerência, a duração da vida. Para a rosa, um dia; para o ser humano, uma duração sempre limitada e efémera («O pouco que duramos» – v. 12).

5. Face à constatação da efemeridade da vida – seja pela referência à fugacidade da beleza da rosa ou do curso diurno do sol – o sujeito poético aconselha Lídia a que, tal como ele próprio (e a

semelhança das rosas dos «jardins de Adónis» – v. 1) viva, por um lado, o momento presente («Assim façamos nossa vida um dia» – v. 9), de acordo com o princípio epicurista do *carpe diem*, que é o único caminho para a felicidade e para a ausência de dor. Deve assumir nesta vivência uma atitude de indiferença face à passagem do tempo, num esforço de autodisciplina. Por outro lado, aconselha também Lídia a assumir uma atitude deliberada de aceitação da efemeridade da vida e da inevitabilidade da morte («há noite antes e após / O pouco que duramos» – vv. 11-12).

6. a) 2; b) 2

Parte C

7. A representação do mundo pode ser feita através de diferentes formas de arte – pintura, literatura, teatro, cinema, música... No caso em apreço, a pintura de René Magritte e o texto de Eça de Queirós (Parte A do exame) apresentam similitudes dignas de registo e que infra passamos a registar.

Em ambas as obras de arte, o espaço representado é objetivamente o quarto de dormir, destacando-se elementos e objetos que habitualmente integram esse espaço: no romance queirosiano evidencia-se a mesa de *toilette* atulhada de utensílios e o espelho diante do qual Jacinto penteia o seu cabelo; na pintura de Magritte, a cama, o guarda-fatos e o pente evidenciam de forma eficaz esse espaço doméstico.

De forma mais simbólica, em ambos os casos se verifica a excessiva valorização atribuída aos objetos usados no quotidiano nesse espaço comum. No excerto de *A Cidade e as Serras*, por exemplo, na quantidade e diversidade de escovas usadas por Jacinto para pentear o cabelo diariamente, durante catorze minutos, ou na quantidade e diversidade de toalhas usadas por Jacinto para limpar as mãos, o que evidencia o luxo e a futilidade da personagem. Já na pintura de Magritte, a valorização dos objetos é representada através do seu tamanho desproporcionado como o pente, o pincel de barbear, o copo ou o fósforo relativamente à cama e ao guarda-fatos, sugerindo a ideia, evidenciada no título, de que os objetos podem ser, para as pessoas, os seus valores pessoais. Desta forma, destaca-se também alguma futilidade humana.

Apesar de destacarmos nesta abordagem a comparação por semelhança, onde se evidencia o mesmo espaço físico doméstico e o valor (excessivo) dado aos objetos, é evidente um contraste: no romance queirosiano é representado um espaço fechado para dentro do qual foram trazidas as maravilhas da civilização moderna; na pintura de Magritte, observa-se um espaço que parece aberto ao exterior, através da representação de um céu (elemento natural) nas paredes internas do quarto e que nos convida a sair e a explorar o espaço exterior.

GRUPO II

1. C
2. D
3. A
4. D
5. C
6. B
7. C

GRUPO III

A felicidade é um dos objetivos cimeiros da humanidade, pois desde os tempos mais remotos terá sido ela a guiar o coração ou o intelecto humano. Porém, não se trata de um conceito linear e objetivo nem de interpretação unilateral. Para alguns, a felicidade encontra-se na simplicidade e no desapego dos bens materiais – lembremo-nos de alguns versos dos heterónimos Caeiro ou Reis – enquanto outros veem na acumulação de riqueza o caminho para a realização pessoal. Não haverá, portanto, uma definição clara para o que é a felicidade nem para o caminho para a alcançar. Exigirá um equilíbrio entre o bem-estar material e emocional, sendo o autoconhecimento e as relações interpessoais os pilares fundamentais dessa busca.

A simplicidade pode, sem dúvida, trazer felicidade. Viver com moderação, sem a pressão constante do trabalho e da acumulação de bens, permite centrar a atenção no que mais importa: a qualidade das relações e a saúde mental e física. Quem opta por este caminho tende a estar em sintonia com as suas necessidades e valores, o que, por sua vez, facilita uma vida mais serena e equilibrada.

Porém, é inegável que, na sociedade atual, o bem-estar material é fundamental para proporcionar felicidade – só ele permite aceder a um conjunto de benefícios sociais, culturais, patrimoniais... A estabilidade financeira oferece liberdade para realizar sonhos, investir no futuro e proporcionar conforto a si, à família ou à própria comunidade. Mas o desafio da moderação é imenso, pois a demanda pela acumulação de riqueza, pela procura do estatuto e do poder tolda o espírito humano.

Em suma, a felicidade deve resultar de um equilíbrio entre a satisfação das necessidades materiais e do cultivo de uma vida interior rica em valores, significado e relações. A felicidade, o bem-estar, a harmonia, a convivência humana devem ser os valores cimeiros da eterna busca humana pelo «El Dourado» ou a «Demanda do Santo Gral». Afinal, só a felicidade plena nos mantém eternamente «ricos» e jovens!

(322 palavras)